N.° 213 Anno de 1829

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se na Tipografia do mesmo Diario rua Direita N.° 267 1.° andar em mezes por 640 reis huma folha que sahirá todos os dias uteis,

TERÇA FEIRA 6 DE OUTUBRO. *S. Bruno.*

Preamar aos 6 minutos da tarde.

CORRESPONDENCIAS.

SNR. *Edictor.* — Li o N.° 104 do Cruzeiro e nelle o communicado do Sr. Espectador Sizudo, que me ratificou a persuasaõ, em que estava, de naõ haver acçaõ alguma, por mais recta que seja, que naõ possa ser torcida pela malicia para hum fim diamentralmente opposto ao que encara quem bem intencionado a pratica. Por este motivo rogo a Vm. se digne enxerir na sua folha estas ainda que toscas reflexoens.

" O dia 7 de Setembro he na verdade o grande dia Brazileiro, mas naõ he, diz o Sr. Sizudo, o grande dia Portuguez " E porque? Responde o Sr. Espectador. Porque naõ he o dia d' Acclamaçaõ do Sr. D. Joaõ 4.° &c., e para isso só por falta de amor da Patria he que os Portugueses solemnisaõ a Independencia do Brazil, para o que naõ tem causa lisongeira, vindo assim a obrar baixamente, cobrindo-se de infamia " Especiosas rasoens para quem naõ pensa, ou para quem so sabe applaudir o seu proprio bem, sem se importar com o dos outros, e por que o mal, e o bem alheio lhe he absolutamente indifferente! E será este o modo de discorrer proprio de hum homem sensato? Será digno de hum coraçaõ bem formado, e de huma alma verdadeiramente illustrada? oh! naõ: os Portugueses acompanhando aos Brazileiros no dia do seu maior regosijo, bem longe de terem a falta, que lhe imputa, elles deraõ a mais viva demonstraçaõ do muito que dezejaõ o bem da sua Patria, e do grande amor, que lhes consagraõ. Elles festejaraõ a Independencia Brazileira sem desmerecerem de honrados amigos da terra em que nasceraõ, e a qual pertencem.

Pois será possivel que o vagar entre os festivos Brazileiros, naõ fugir dos seus circulos; naõ dar provas de descontentamento, concorrer na illuminaçaõ geral, tratar urbanamente a todos, seja hum dever dos Portugueses; mas juntarem-se em corpos aos mesmos Brazileiros para gosarem com elles do seu prazer, e o applaudirem melhor, seja despejo, seja aviltamento!!! Saiba pois o Sr. Sizudo, que naõ descorre como elle o corpo scientifico de Pernambuco. Saiba mais que a honra, e probidade desta Capital louvou, e louva o procedimento dos Portugueses n'aquella occasiaõ inclusive as primeiras Authoridades. Isto bastaria para resposta; mas devo dar ao Sr. Espectador outras razoens.

Ama a sua Patria aquelle que lhe dezeja bem, e principalmente o de que gosaõ outros Paizes: ora os *Portuguezes* honrados, que existem nesta Provincia desejaõ a Portugal o bem de que o Brazil ja gosa: logo estes Portuguezes tem amor e naõ pouco, a sua Patria. Que elles dezejaõ este bem, claro está; que bem he, naõ haverá quem ponha em duvida ainda naõ vendo mais do que até a ponta do nariz. Os factos fallaõ, Sr. Sizudo, e a sua Rhetorica he de todas a mais persuasiva e eloquente. Este amor da Patria sincero, e verdadeiro, he a causa de tantos homens dignos de melhor sorte pelas suas virtudes, e conhecimentos, naõ podendo encarar a sangue frio os horrores perpetrados no seu Paiz, se arrojarem a terras extranhas, e remotas.

He o amor da Patria sincero, e verdadeiro, que faz com que tantas almas nobres, e sensiveis, naõ podendo suportar o espectaculo dolorozo de huma Naçaõ agrilhoada, gemendo debaixo do ferre jogo de huma facçaõ barbara, e cru-

el, deixem todos os objectos mais gratos ao coraçao humano. Amigos, parentes, irmãos, espozos, filhos, Paiz, empregos, fortunas, n'uma palavra tudo.

Scipiaõ, Scipiaõ tu naõ amastes a tua Patria! E tu sabio Cataõ, taõbem odio lhe votaste! Quem tal diria? Mas vos naõ fosteis dedicar festejos a Independencias extrangeiras! Sim os honrados Portuguezes emigrados podem naõ amar essa porçaõ de captivos, que baixamente serve ao seu querido Sr. Mas quaes amaõ mais a sua Patria, esses escravos, esses mizeraveis carreiros, porqueiros, cabreiros, pastores, abogoens, criados de servir, carvoeiros, cavadores, catraeiros, esfarrapados, vadios, e ladrões &c. &c. que prendem, roubaõ, mataõ aos seus amos, aos seus bemfeitores, aos cidadãos honestos, e fazem........ Ah! eu me horroriso! Naõ o posso proferir. Ou os Portuguezes aqui existentes, que nunca ofenderaõ a pessoa alguma, nem no seu Paiz, nem onde se achaõ, e que cheios de gravidade, e modestia, e ornados da melhor moral, preferem o bem geral ao seu particular, e se congratulaõ com os Brazileiros porque estimaõ que estes gosem o que elles taõbem desejaõ, e que taõ vilmente lhes foi roubado? Espero a resposta. Vamos a outra especie. A Independencia do Brazil, nunca pode servir de aviltamento a Naçaõ Portugueza; porque ella foi feita de facto, e sustentada por hum Principe Portuguez o Herdeiro do Throno, e de Direito pelo Rey de Portugal, em conformidade com o voto geral dos Brazileiros, que quizeraõ huma cousa justissima. Os Portugueses sempre respeitaraõ os seus Reys legitimos, e fieis a fe do juramento, nunca se opporeraõ ao poder com justiça exercitado. Na Independencia do Brazil recahem todas as circunstancias do maior respeito para os Portuguezes, isto he sufficiente para que ella deva ser por todos os modos possiveis, e decentes, festejada, e celebrada, tanto por Brazileiros, como por elles Portuguezes. Quem solemnisa o que o seu Principe deffende, o seu Rey approva, e o que he justo, naõ he vil, nem aborrece a Patria.

Por tanto os Portuguezes que em ajuntamento deraõ demonstraçoens de prazer por motivo taõ justo, saõ fieis a Religiaõ do juramento, ao Rey legitimo, e a Ley. Aborrecem o crime, amaõ a virtude. Querem *liberdade*, como os Brazileiros querem, e naõ licença. Querem que a justiça reja a sua Patria, e que esta seja feliz. Querem a ordem, e esta mesma dezejaõ ao Brazil: De taes homens naõ ha que temer, elles saõ dignos de toda a confiança.

Sr. Espectador Sizudo, estou persuadido que Vm. naõ gostou, tenha paciencia. O que lhe posso assegurar he que os Portuguezes honrados naõ perderaõ occasiaõ alguma de fazerem corpo para se unirem aos honrados Brazileiros nos dias de seu publico regozijo. E ainda mais .... Diga Vm. o que quizer. Dictum unius Dictum nullius, Vm. he so naõ faz prova; porque he nada. Talvez naõ goste de excessos, por que so queira os da forca. Os Portuguezes sabem que huma Naçaõ para ser grande naõ preciza possuir hum territorio vasto. Basta que tenha bons costumes, industria, e conhecimentos. Eis o que cordealmente appetecem a sua Patria, e o que assaz prova o seu Patriotismo. Queimem, assolem, matem; respirem fogo, sangue, e morte, esses que de Heroes a gloria naõ merecem, por que só de homens perseguidores foraõ, que nos naõ sabendo dar o nome da virtude augusto ao vicio rude amor aquella, e guerra a este contentes declarando, por caminho mais nobre chegaremos com applauso geral da humanidade, satisfeitos ao cumulo da ventura solida, que so consegue do homem o verdadeiro amigo. Naõ fallo a cerca dos Inglezes, que mostraõ por exemplos por que isso merece hum total despresso, pela differença que existe entre causa, e causa que todos sabem.

Adeus Sr. Espectador

O Espectador Imparcial.

SNR. *Edictor.* — Que lhe parece a sahida do Doutor Lombriga, e Companhia, Redactores do praguento Cruzeiro em o N.º 104! Como querem esses Roldões da cruzeirada dar de avesso com a opiniaõ publica! Vendo esses empanturrados absolutistas, que a matula columnista tem desafiado o assanho universal; conhecendo, que naõ ha fôlego vivo nesta Provincia, que naõ esteja bem enfrascado dos preposteros fins, a que se dirigiaõ esses conjurados, o que a todos os bons Cidadãos mettia em cuidado; tranzidos

de dor pela desaprovaçaõ do Governo, apezar da singeleza dos Estatutos, que armavaõ sobre falso ; agora mesmo, que cessaõ de hir por diante em suas pertençoens sinistras, querem escoimar-se da justa indignaçaõ do Publico, negando factos praticados quazi a escala vistas de todos, e até a existencia da sociedade Columnista !

Que epitheto darei ao desembaraço quadrilheiro, com que esses Padres do Japaõ ouzaõ dizer, que a Sociedade da Columna só existio em archetypo, isto he; na mente dos absolutistas, e naõ taõ real, e perfeitamente, como se a juntava na rua velha ? Que nome darei a taõ soez, e incomportavel evaziva ? Chamar-lhe-hei Columnismo mesmo. As Lingoas vivas tem-se enrequecido com varios acontecimentos, descobertas, e accidentes da vida. Assim bem vulgar he hoje o termo — patarata — derivado de Pàtara Cidade d' Azia, sendo o fundamento de tal denominaçaõ, que os Asianos geralmente, e em particular os de Pàtara, mui celebre pelos Oraculos, e Templo de Apollo, heraõ tidos por paroleiros, e exageradores: donde veio taõbem a dar-se o nome de *patarata* a qualquer vaõ fallador. Da mesma sorte uzamos da palavra — mandinga — vulgarmente para significar *astucia, artificio*, tomada a propriedade de *Mandinga* Cidade d'Africa, cujos negros querem passar por feiticeiros. Picaro, homem vil, e baixo he derivado do Francez — Picard, — que significa o natural de Picardia, cujos habitantes saõ de costumes grosseiros, e inciviz. Alicantina ainda hoje chamamos a subtileza, ou destreza em trocar, ou mudar alguma cousa; derivada de Alicante, Cidade Hespanhola no Reino de Valencia, onde se faz muito trafico de fructas, e se trasfegaõ muitos vinhos. Todos sabem, que Mausoléo vem de *Mansolo*, Rey de Caria por causa do *sumptuoso* sepulcro, que lhe mandou fabricar Artemiza, sua Espoza. Romagem, Romaria, Romeiro saõ derivados de *Roma* por causa das antigas peregrinações. Cura, Curato vem dos Romanos, que designavaõ por *Curio* o Sacerdote, que prezidia aos exercicios de sua Religiaõ, e *Curionatus*, os bairros, ou Curias, que hoje chamamos Parochias, ou Freguesias. &c. &c.

E porque para exprimir-mos sem perifrazes huma desvergonha, e impudencia supinas, e superlativas naõ diremos — Columnismo — que exprime tudo ? Perdoé, Snr. Edictor, a digressaõ, e vamos a materia. Para dar alcance ao conhecimento d'essa sociedade naõ he mister mais, que o 1.° N.° do mesmo Cruzeiro, onde os Redactores sem o minimo intento de estrecer-se, confessaõ de plano a sua existencia. Huma especie de dialogo ahi apparece entre estes, e o Redactor da Abelha. Qual he o fim da Sociedade da Columna ? (pergunta este) Desfazer (responde o Cruzeiro) o que fizerem as Abelhas. Se he para reunir os homens (prosegue a Abelha) e tornalos mais amantes da sociedade, para que segredo ? Este quesito, que se tem feito a todas as sociedades secretas, e que quanto a mim naõ tem replica, he satisfeito pelo Cruzeiro com a seguinte puerilidade. — E que maior segredo, que o da Abelha ? Que quer dizer (continúa a ferroar a Abelha) Columnas do Imperio Constitucional ? Eu lhe digo (responde o pedagogo Cruzeiro) Christaõs velhos, e gente da fé do carvoeiro.

A' vista de taõ solemne confissaõ ; como ouzaõ estes Redactores dizer, que a sociedade da Columna só existio *in mente* ? Se tal reuniaõ nunca houve para que se pozeraõ ás rasões com a Abelha, produzindo evazivas, sem negar a existencia da Sociedade, negaçaõ, que sò por si bastava a despartir, e acabar toda a questaõ ? Pode alguem ser increpado perante a Sociedade somente pelo que tem na idêa ? E caso venha ser aventado o pensamento, e arguido, haverá maior justificaçaõ do que a prova de se naõ ter posto em pratica o que se concebeo ? Ora, Snr. Edictor, se hum homem se chegar, v. g. ao Papa algodaõ, e lhe disser " Vm. roubou a Fazenda 14:000$000 de reis &c. " e o referido Papa lhes tornar " Fiz muito bem, naõ he de sua conta, Vm. taõbem furtou a Sicrano " quem naõ dirá, que aquelle homem confessou o roubo ? He preciso ser muito Columna para assim pertender embaçar o respeitavel Publico.

Para que foraõ convidados tantos Cidadaõs, muitos dos quaes naõ quizeraõ cahir no corriola ? Porque sahiraõ alguns por conhecerem o laço, que lhes armavaõ, querendo-os tornar inimigos jurados da Constituiçaõ ? Porque foraõ outros expulsos da matula por se suspei-

tar, que naõ guardavaõ o segredo exigido? Foraõ recrutados por huma sociedade mental? Dezertaraõ de huma corporaçaõ imaginaria? Foraõ excluidos de huma irmandade fantastica? Que nome se pode dar a tanto despejo, e contradiçaõ? Columnismo, que diz tudo.

O Amiguixo do Povo, irmaõ gemio do Cruzeiro, filho da mãi Columna, como aquelle para santificar a sociedade em o N.º 4.º finge huma carta de hum Esquadrinhador, e entre varias rebolarias de Quixote diz — Fique certo (o Snr. Villela) e escreva lá no seu canhenho: a sociedade (da Columna) naõ o teme, despreza-o. — E nunca existio a Sociedade dos Columnas, se naõ nas mentes de alguns Cidadaõs! Guapos Snrs. Redactores do Cruzeiro, meus Japonezes intellectuaes, meus imaginarios Columnas, se VV. SS. fantasticas nunca se congregaraõ, nunca fizeraõ sociedade occulta, nunca se *Japonizaraõ*, e ao depois *Columnaraõ*; porque naõ foraõ a maõ ao supposto Esquadrinhador, dizendo-lhe "Alto lá: naõ existe tal sociedade: alguns Cidadaõs lembraraõ-se disso; mas nunca a pozeraõ em execuçaõ"? VV. SS., meus Esganarellos, naõ satisfeitos com o palavreado do Cruzeiro, desconfiados da pouca estabelidade da Columna, quizeraõ meter huma escora, e fizeraõ sahir a terreiro o bufo Amiguixo: verdade he que se engonaraõ na qualidade da madeira; cuidaraõ meter escora de páo ferro, e sahio-lhes espeques de molungú.

Finalmente fantasticos Snrs., VV. SS. só se ajuntavaõ intellectualmente. O dezertor da Parahiba, hera hum Official de vapor: o nome de Japonezes, com que os baptizou o Reverendissimo Tenente foi imaginario: O Doutor Lombriga, que os chrismou — Columnas — he huma especie de fósmea, ou ventoînha; a caza da rua velha, onde VV. Reverendissimas se ajuntavaõ, casa com portas, janellas, telhado, N.º, e Decima, hera hum edificio architypo: quem sabe, se VV. SS. saõ encantados? Ahi anda nigromancia. Cavalleiros da triste figura já VV. SS. saõ (benza-os Deos) agora resta tomarem o êlmo de Mambrino, e sahirem ca' para o meio da rua. Façaõ suas cazacas de Cruzeiro, e Amigos do Povo: lança podem-a arranjar ahi de certa vara, e appareça essa encamizada. Abra o torneio o Doutor Lombriga, que pela lente, e fitinhas sera' o cavalleiro dos pendurucalhos; *O Xilonifago* todo vestido d' algodaõ, mesmo em caroço: siga-se o *cari-larga* Scriba vestido de autos, e pasquins; e atraz de todos, como o Sancho Pança da cavalhada, venha Zuza no burrinho Domingueiro. O' que aplauso! Que girandola de pedras! Que alegre acompanhamento!

Por entre o descaramento da contradiçaõ ja' descubro huma cousa proveitoza; he o quererem os Columnas negar a existencia da matula, o que prova a convicçaõ do crime. Isto basta ao seu venerador

O Fallador.

Avizos Particulares.

ANTONIO Policarpo, faz sciente ao respeitavel Publico, que a sua rifa corre impreterivelmente a 29 do corrente no Consistorio da Igreja de N. S. do Livramento, as 8 horas da manhã.

Leilaõ.

QUE pertendem fazer Johnston Pater & Companhia, de diversas fazendas limpas e avariadas, Quarta feira 7 do corrente pelas 10 horas da manhaã, na caza de sua rezidencia rua do Vigario. N.º 7

Que faz Nicolaus Otto Bieber de huma porçaõ de pregos em Barris, de differentes qualidades, bons e avariados, vindos de Antuerpia no Cuter Iris por conta de quem pertencer, na casa de sua residencia rua da Cruz N.º 63, Terça feira 6 do corrente mez pelas 10 horas da manhaa.

Que pertendem fazer Jones & Wynne de fazendas limpas e avariadas, Terça feira 6 do corrente pelas 10 horas da manhã na casa de sua rezidencia, rua da Cruz N.º 10.

Amas de Leite.

PERCIZA-se de huma forra, ou mesmo cativa, a qual tenha os requezitos necessarios; rua das Cruzes no Cartorio do Escrivaõ Magalhães.

Pernambuco na Tipografia do Diario.